

DESAPARECEU O MEDO DAS ELEIÇÕES DIRETAS

Luiz Carlos Bresser-Pereira

Folha de S. Paulo, 29.11.1983

A eclosão do movimento nacional pelas eleições diretas do presidente da república aconteceu na última semana, primeiro, quando o governador Franco Montoro reuniu, no sábado, todos os governadores da oposição para assinarem um manifesto, e, segundo quando as principais entidades da sociedade civil brasileira realizaram no domingo um comício em São Paulo a favor das eleições diretas.

Antes disso, os fatores recentes que contribuíram para a eclosão desse movimento nacional foram quatro: (1) a declaração de independência do Congresso, recusando os decretos presidenciais 2024 e 2045; (2) as eleições diretas na Argentina; (3) o lançamento da campanha por eleições diretas pelo governador de São Paulo no início de novembro; e, finalmente, (4) as declarações do presidente da república em Lagos, manifestando-se pessoalmente a favor das eleições diretas, que só não se realizaram devido à oposição de seu partido, o PDS.

O último fator foi decisivo. A instituição da presidência da república é ainda muito forte no Brasil. Embora a sociedade civil, representada politicamente pela oposição e pela maioria dos governadores do PDS, já houvesse optado pelas eleições diretas, ela parecia à espera do sinal verde do presidente. Quando este surgiu, de nada adiantaram os desmentidos posteriores. As comportas estavam abertas para uma grande movimento nacional de restabelecimento da democracia.

As oposições que restam às eleições diretas provêm apenas de dois focos: dos políticos oportunistas dentro do PDS, ligados principalmente ao Sr. Paulo Maluf, e dos restos da extrema direita militar e civil, que têm medo da manifestação popular representada pelas eleições diretas.

A oposição representada pelo Sr. Paulo Maluf ou pelo Sr. Mario Andreazza às eleições diretas é cada vez menos importante, na medida em que o PDS sente cada vez mais claramente que apoiá-los será um suicídio político. A oposição representada pela direita ou pelos grupos conservadores existentes no país, entretanto, era muito mais significativa. Durante um longo período, a partir de 1964, a posição contra as eleições diretas tornou-se dominante na sociedade civil brasileira. Não era uma posição exclusiva da extrema direita, sequer da alta burguesia conservadora, já que estava com o apoio de amplos setores das classes médias.

Nos últimos anos, entretanto, esta posição mudou paulatina, mas firmemente, na medida em que o regime autoritário instalado em 1964 se esgotava e entrava em processo de deterioração. No início deste ano, entretanto, quando o alto empresariado brasileiro, que apoiou a redemocratização, se lançou decididamente (e irresponsavelmente) no jogo dos presidenciais, ficou claro que ainda havia setores importantes da sociedade civil jogando nas eleições indiretas e com medo das diretas.

Entretanto, o aprofundamento da crise econômica, de um lado, e o crescente impasse político representado pela perspectiva da escolha via Colégio Eleitoral de um novo presidente sem legitimidade política quando essa legitimidade torna-se mais importante do que nunca para se enfrentar a crise econômica, de outro lado, levaram a uma mudança rápida nas resistências às eleições diretas dos setores conservadores da sociedade. Sobraram apenas, isolados, os oportunistas e a extrema direita.

O fato de que a eclosão do movimento pelas diretas tenha ocorrido em São Paulo e que o governador do estado tenha tido um papel importante no processo, não é fortuito. São Paulo é a sede da sociedade civil brasileira, e as eleições diretas são hoje não apenas um pleito do povo brasileiro, mas também da sociedade civil deste país. Nesse sentido, tudo indica que o caminho em direção às eleições diretas é irreversível.(29/11)